

AS RIQUEZAS DA DIVERSIDADE CULTURAL

VISITA TÉCNICA À TRIBO KARAJÁS – ARUANÃ – GOIÁS

Ana Flávia de Jesus

Prof^a Mestra Analice de Sousa Gomes

Prof^a Esp. Denise G. Barros Cintra

RESUMO: Este trabalho se caracteriza como um relatório que objetiva a exposição de conhecimentos adquiridos por meio de Projeto de Extensão realizado pelos alunos do Curso de Ciências Contábeis da Faculdade de Jussara – FAJ. Os costumes, a língua, a cultura e a história da Tribo Karajá de Aruanã-Goiás são os temas apresentados e discutidos. Dentre as etapas do trabalho houve exposição, debate, pesquisa e visita técnica à tribo, promovendo, na ocasião, entrevista com o cacique Raul Kawakat, fonte predominante dos conteúdos apresentados por meio deste. Como base teórico-bibliográfica, têm-se os pressupostos de Lima Filho (1999), Araújo Júnior (2012), dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Karajá; Aruanã, Cultura Indígena.

No dia 28 de setembro de 2019, as turmas do curso de Ciências Contábeis da Faculdade de Jussara- FAJ realizam uma visita técnica à Tribo urbana *Karajá*, localizada na cidade de Aruarã, Estado de Goiás. Tal evento se efetivou por meio da proposta contida no Projeto de Extensão intitulado: *Conhecendo a diversidade para compreender e respeitar*. Esse projeto foi idealizado a partir da disciplina Tópicos II: Relações étnico-raciais e cultura afrodescendente, ministrada à turma do 6º período de Ciências Contábeis.



Figura 1: Cacique Raul Hawakat e alunos visitantes

Fonte: Alunos do 6º período de Ciências Contábeis

Como resultado da visita, os alunos produziram relatórios a fim de expor os conhecimentos obtidos acerca da Tribo, seus costumes e história. Quanto ao nome: Karajá, de origem tupi, possui um significado aproximado à expressão “macaco grande”, usada pelos brancos desde o século XVI em outras formas e em sua forma atual no século XIX (LIMA FILHO, 1999). No caso da tribo visitada, estudos apontam que “os Karajá de Aruanã se autodenominam de *Buridina Mahãdu*, cujo significado voltado para a língua europeia vem a ser ‘povo ou turma de buridina’ e a cidade de Santa Leopoldina, hoje Aruanã” (ARAÚJO JÚNIOR, 2012). Segundo dados do IBGE (2010), o povo Karajá soma, aproximadamente, três mil índios que vivem em cerca de 29 aldeias espalhadas ao longo do vale do Rio Araguaia e afluentes.

De acordo com Mozart Martins de Araújo Junior em seu estudo intitulado *Inã história e identidade cultural: índios Karajá de Buridina* (2012), os Karajá são habitantes seculares da região do Araguaia e o território deles se estende pelo estado de Goiás, Tocantins e Mato Grosso. Para proteger seu território houveram intensos combates com outros povos indígenas como os Xerente, Xavante e mais tarde com os não-índios.



Figura 2: Portal de entrada da Tribo Karajá – Aruanã-GO
Fonte: Alunos do 6º período de Ciências Contábeis

Quanto à cultura Karajá suas maiores expressões são as pinturas corporais e a confecção de artefatos de palha, madeira e cerâmica, sendo a boneca de cerâmica o símbolo da identidade Karajá, reconhecida desde 2012, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), como patrimônio imaterial do Brasil. Sobre a riqueza simbólica/cultural da boneca Karajá, Araújo Junior (2012, p. 57-58) afirma que

as bonecas são consideradas representações culturais que transmitem significados sociais altamente importantes. Uma vez que, com sentidos mitológicos, de rituais, da vida cotidiana e da fauna, elas são instrumentos de socialização das crianças que veem nesses objetos e aprendem a ser Karajá. Logo, as bonecas karajá expressam aspectos da identidade do grupo, simbolizando diversos planos de sua sociocosmologia



Figura 3: Bonecos de barro
Fonte: Alunos do 6º período de Ciências Contábeis

Dessa forma, percebe-se a importante função formativa social e cultural destinada às bonecas Karajá que, por sua vez, também serve como fonte de renda para as famílias da tribo. A pintura corporal é uma, dentre as muitas formas de reafirmação e manutenção da cultura indígena, tal manifestação possui grande significado para o grupo, por exemplo, na puberdade, os jovens de ambos os sexos, eram submetidos a aplicação dos desenhos na face, o *omarura*, isto é, “dois círculos tatuados [...] onde a mistura da tinta do jenipapo com a fuligem do carvão era aplicada sobre a face sangrada pelo dente do peixe-cachorra” (ARAÚJO JUNIOR, 2012, p. 78-79). Nos homens essa mistura impedia o nascimento da barba, pois quando eles retiravam a tinta do rosto, também eram arrancados os pelos da face e não nasciam novamente.



Figura 4: Fotografias e artesanato Karajá
Fonte: Alunos do 6º período de Ciências Contábeis



Figura 5: Fotografias e traços da pintura Karajá
Fonte: Alunos do 6º período de Ciências Contábeis

A aldeia Buridina se viu reduzida na década de 1940 como consequência da socialização com o homem branco. Nesse sentido, além da perda territorial, houve a chegada de diversas doenças que afetaram a tribo, levando alguns índios à morte. Ao longo do tempo, essa convivência com os não-índios influenciou o modo de vida dos indígenas, segundo o relato do Cacique Raul Hawakat, ao observar o que as pessoas da cidade faziam cotidianamente, os índios passaram a compartilhar das mesmas ações e costumes. Um exemplo, é o vestuário, os homens, de tangas passaram a usar calças, pois causavam constrangimentos aos olhos dos não-índios que começavam a ter contato constante com a Tribo.

Outra modificação está relacionada a alimentação, para os índios Karajá as frutas, carnes de caças, pescas e castanhas compunham a dieta diária, no entanto, a urbanização da aldeia permitiu que desfrutassem de alimentos industrializados. Além desses fatores, o casamento, antes permitido somente entre membros de segundo grau da família, agora já se constituem entre índios e não-índios, dando espaço para a miscigenação do povo.

O cacique Raul Hawakat conta que a mistura, matrimonial e socialmente, dos povos indígenas com os não-índios resultou na perda de alguns costumes, da linguagem e de tradições, afirmando que dentre os índios da cidade de Aruanã, há somente três famílias puras, sendo as demais (aproximadamente vinte famílias) miscigenadas.



Figura 6: Cacique Raul Hawakat conta sobre a história da Tribo
Fonte: Alunos do 6º período de Ciências Contábeis

Nesse sentido, por meio da Associação da Aldeia dos Karajá de Aruanã e da FUNAI foi implantado, na Aldeia Buridina um projeto de educação que visa resgatar e valorizar o uso da língua e da cultura daquele povo. O projeto promove cursos de capacitação de áudio e vídeo, fotografia e gestão patrimonial. Em 1995, foi criada a Escola Indígena *Maurihi*, privilegiando um ensino bilíngue, ensinado, inclusive, para adultos não alfabetizados. Além do ensino de línguas, acontecem aulas de artesanato, cerâmica e pintura que, por sua vez, todo material produzido é exposto na Loja de Artesanato da Aldeia ou enviado para a Biblioteca Kuabiru (dentro da escola).



Figura 7: Fachada da Escola Indígena *Maurihi*
Fonte: Alunos do 6º período de Ciências Contábeis

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das crescentes mudanças enfrentadas pelos Karajá de Aruanã, do contínuo processo de transformação, provocadas pelos atritos entre tradição e inovação, há um trabalho intenso, por meio da educação e projetos de produção artesanal, com o objetivo de fortalecer a cultura desse povo, sobretudo, no tocante a exposição da riqueza de sentidos, da importância da cultura indígena para a região e, conseqüentemente para a identidade do povo brasileiro.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO JÚNIOR, Mozart Martins de. *Inyã - história e identidade cultural: índios Karajá de Buridina*. Dissertação (mestrado). Orientador: Prof. Dr. Luiz Eduardo Jorge. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em História: Goiânia, 2012.

IBGE. *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. Tendências demográficas: uma análise dos indígenas com base nos resultados da amostra dos Censos Demográficos, 2010.

LIMA FILHO, Manuel Ferreira. *Os filhos do Araguaia. Reflexões etnográficas sobre o Hetohok Karajá, um rito de iniciação masculina*. Dissertação de Mestrado, Brasília – DF., Setembro, 1991